

Sítio histórico da Prainha de Vila Velha/ES - o "olhar de perto e de dentro"

Historical place of Prainha of Vila Velha/ES - insider and a close-up view

Sitio histórico de Prainha de Vila Velha / ES - el "mirar de cerca y dentro"

Melissa Ramos da Silva Oliveira

Professora Doutora, Universidade Vila Velha, Brasil
melissa.oliveira@uvv.br

Victória Christina Simões Pinheiro

Graduanda, Universidade Vila Velha, Brasil
vivicspinheiro@hotmail.com

RESUMO

A memória contribui para manter o patrimônio cultural presente na história de um povo, porém como se dá essa relação afetiva entre usuário e espaço? O objetivo deste trabalho é investigar, com aplicação de questionários online sobre a Prainha para um público geral e específico, como os mecanismos cerebrais – memória, atenção e sentimentos – são acionados no processo de reconhecimento dos bens culturais do sítio histórico da Prainha. A partir de questionários procurou-se investigar as memórias da população e como elas podem impactar na preservação do sítio histórico. Os resultados evidenciaram que as memórias são fonte vida para a própria história.

PALAVRAS-CHAVE: Prainha. Patrimônio cultural. Memória. Relação afetiva.

ABSTRACT

Memory contributes to maintaining the cultural heritage present in the history of a people, but how does this affective relationship between user and the space? The objective of this article is to investigate, with the application of online questionnaires about Prainha for a general and specific public, how the brain mechanisms – memory, attention and feelings – are activated in the process of recognition of the cultural assets of the historical site of Prainha. Using questionnaires, we investigated the people's memories and how they can impact the preservation of the historic site. The results showed that memories are a source of life for history itself.

KEY-WORDS: Prainha, Cultural Heritage, Memory, Affective Relationship.

ABSTRACTO

La memoria contribuye a mantener el patrimonio cultural presente en la historia de un pueblo, pero ¿cómo se produce esta relación afectiva entre usuario y espacio? El objetivo de este trabajo es investigar, con la aplicación de cuestionarios online sobre Prainha para un público general y específico, cómo se activan los mecanismos cerebrales -memoria, atención y sentimientos-- en el proceso de reconocimiento de los bienes culturales del sitio histórico. de Prainha. Mediante cuestionarios, buscamos investigar los recuerdos de la población y cómo pueden afectar la preservación del sitio histórico. Los resultados mostraron que los recuerdos son fuente de vida para la historia misma.

PALABRAS CLAVE: Prainha. Patrimonio cultural. Memoria. Relación afectiva.

1 INTRODUÇÃO

Uma cidade é definida tanto por seus aspectos materiais (obras, objetos técnicos, bens culturais, paisagem material) quanto subjetivos (costumes, tradições, história, cultura, memórias e sentimentos). Para Roberto Lent (2008), neurocientista brasileiro, as memórias são comuns a todos os seres humanos. As lembranças compartilhadas entre os membros de uma mesma sociedade constituem a base de sua essência.

O sítio histórico, localizado no centro de Vila Velha/ES, constitui o cenário de muitas de suas memórias. Entretanto, muitos dos elementos que estão presentes nessas lembranças não são protegidos e/ou valorizados pelo Estado. Sendo assim, como a população enxerga o sítio histórico da Prainha? Como suas memórias nesse lugar são formadas? E, o mais importante, qual a sua relação afetiva com este espaço?

Para desvendar o sítio histórico da Prainha a partir de seus aspectos subjetivos, buscou-se compreender o “olhar de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) , a partir da visão dos moradores e usuários em seu cotidiano. Entre fevereiro e março de 2021, foram aplicados 02 questionários à população, aplicados a 61 pessoas, sem distinção de classe social, sexo e idade, no perímetro de estudo delimitado - que corresponde a delimitação do sítio histórico da Prainha (Figura 1).

Figura 1 - poligonal do sítio histórico da Prainha de Vila Velha/ES



Fonte: Prefeitura Municipal de Vila Velha, 2015, p. 2.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários online, através da plataforma Google Forms. Buscando uma maior exatidão de respostas, foram feitos dois questionários, a saber:

- **Questionário geral:** distribuído de forma randômica, procurando atingir uma diversidade grande de voluntários. Este público recebeu perguntas mais genéricas.
- **Questionário específico:** este, por sua vez, foi voltado somente para um público específico: pessoas que se enquadrassem em um perfil de indivíduo de idade mais avançada ou/e que possuísse lembranças mais antigas da Prainha.

Após recolhermos as respostas advindas da população, buscamos no catálogo do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (Iphan) – E.S. os edifícios que o Estado reconhecia como sendo patrimônio histórico, com o objetivo de saber se o que a população reconhece como sendo importante para a história da Prainha é reconhecido e protegido pelo governo.

2 MEMÓRIA

Lent (2008, p.242) descreve a memória como um processo no qual adquirimos uma informação; processamos; conservamos e; quando necessário, evocamos este dado. “Nossa memória constitui nosso acervo pessoal de dados, o único tesouro que possuímos [...]” (LENT, 2008, p. 242). Quando nós colhemos uma informação advinda do ambiente externo, através dos 5 sentidos humanos, chamamos de “aprendizagem” (LENT, 2008, p. 242). De acordo com Damásio, tal processo consiste em um conjunto de atividades sensitivas e motoras que ocorrem durante a interação de um organismo e um objeto em um intervalo de tempo (DAMÁSIO, 2011, p. 169). É importante ressaltar que o contexto, o ambiente e as emoções que estão associadas no momento contribuem influenciam a formação de novas memórias (OLIVEIRA e PINHEIRO, 2020, p. 104). Lent afirma que as emoções atuam como *moduladoras de memória*, isto é, quanto mais intensas elas são experienciadas pelo indivíduo, mais fortemente as lembranças serão gravadas e mais facilmente serão recordadas (LENT, 2008, p. 243).

Após a chegada de um conhecimento inédito, o cérebro mantém a informação fresca na *memória de trabalho*, enquanto a processa e decide sua destinação (LENT, 2008, p. 246). A partir disso, nós temos dois grandes grupos de memória: *declarativas* (ou explícitas) e *procedimentais*. As memórias declarativas ou explícitas são lembranças que temos acesso consciente (LENT, 2008, p. 245). De acordo com Lent (2008, p. 246), tal grupo se subdivide-se em outros dois grupos: a) *memória episódica* – contém informações de momentos da nossa própria vida, com informações precisas de data e local; b) *memória semântica* – contém informações a respeito do ambiente que nos rodeia, entretanto “sem saber como, quando e/ou onde adquirimos”. Contudo, se uma mesma informação for repetida diversas vezes, como a lembrança de dirigir, por exemplo, torna-se um hábito e uma *memória procedimental* (LENT, 2008, p. 246).

Com relação à duração, temos as *memórias de curto prazo*, que duram de 30 minutos a 6 horas e são responsáveis por armazenar eventos recentes, como um número de telefone (BITTENCOURT; OLIVEIRA; PINHEIRO, 2020, p. 105). Por outro lado, há as *memórias de longo prazo*, que permanecem por anos ou permanentemente na nossa mente (SILVA, 2018; LENT,

2008). Para uma memória de curto prazo transformar-se em memória de longo prazo, uma área do cérebro denominada *hipocampo* entra em ação, responsável pela consolidação de memórias e navegação espacial (BITTENCOURT; OLIVEIRA; PINHEIRO, 2020, p. 105). Além disso, a *amígdala*, segundo Lent (2008, p. 260), facilita ou dificulta a consolidação das memórias explícitas, especificamente aquelas formadas em uma situação de alerta.

2.1 Evocação

É muito comum sentirmos um cheiro ou ouvirmos uma música e lembrarmos de alguém, de uma época de nossa vida. Durante esse processo, parece que um “filme” passa na nossa mente. Isso porque “os neurônios reconvertem sinais bioquímicos e estruturais em sinais elétricos, de maneira que novamente nossos sentidos e nossa consciência possam vir a interpretá-los como pertencentes ao mundo real” (LENT, 2008, p. 245). Esse processo é chamado de *evocação*. Esse reconhecimento cria “imagens” na nossa mente e as coloca lado a lado com aquelas que foram formadas ao receber estímulo (DAMÁSIO, 2012). As “imagens” são mapas momentâneos que o nosso cérebro cria dos elementos dentro e fora do nosso corpo (DAMÁSIO, 2011, p. 95).

“(...) o processo mental é um fluxo contínuo de imagens desse tipo, algumas nas quais correspondem a eventos que estão ocorrendo fora do cérebro, enquanto outras são reconstituídas de memórias no processo de evocação. (...)” (DAMÁSIO, 2011, pg.96)

Com essas “imagens” novamente frescas no cérebro, e sendo interpretadas como parte da realidade que nos cerca, tendemos a desencadear respostas emocionais. Isso se deve ao fato de que as redes do córtex pré-frontal, região cerebral que fica logo atrás da testa, respondem de maneira automática a sinais decorrentes dessas “imagens evocadas” (EBERHARD, 2019b).

3 HISTÓRIA DE VILA VELHA

A história de Vila Velha está marcada em seu patrimônio histórico. O sítio histórico da Prainha, no bairro Centro do município de Vila Velha, guarda em suas construções, nos monumentos, nos costumes e nas mentes de seus moradores, as memórias do passado distante desta cidade litorânea.

A história se inicia quando a caravela Glória chegou à Baía de Vitória, em 23 de maio de 1535. A bordo, estava Vasco Fernandes Coutinho, o donatário desta capitania. Após sua tripulação ter sido recepcionada de forma hostil pela população indígena, majoritariamente tupi, eles revidaram disparando seus canhões em direção à praia. Os colonizadores desembarcaram e batizaram estas terras de Ilha do “Espírito Santo”, pois sua chegada ocorreu em um domingo, dia consagrado ao Espírito Santo no calendário cristão. (MOREIRA, PERRONE, 2005, p. 15).

Após se estabelecerem, começaram a construção de paliçada, casebres (OLIVEIRA, 2008, p. 38) e, como fervorosos devotos do catolicismo, ergueram uma capela dedicada à Nossa Senhora do Rosário. “É uma das primeiras construídas no Espírito Santo. O ano, 1551. A obra, conforme relata a história, teria sido realizada com o aproveitamento de alicerces e paredes

existentes por serem mínimos os recursos disponíveis.” (*Espírito Santo (Estado)*, 2009, p. 388) Além disso, foram erguidos quatro engenhos de açúcar e um forte em Piratininga, para oferecer proteção contra os corsários (OLIVEIRA, 2008, p. 38; *Vila Velha (ES)*, 2009). O forte se tornou o que conhecemos como o 38º Batalhão de Infantaria - Batalhão Tibúrcio, antigo 3º Batalhão dos Caçadores (*Vila Velha (ES)*, 2009; IBGE, 2000-21).

Outro importante personagem dessa narrativa é Duarte de Lemos, que chegou por volta de 1536 e 1537. Sua maior contribuição para a capitania do Espírito Santo foi descrita por Coutinho: “ajudou sempre a sustentar e fazer guerra contra os infiéis¹ e gentes da terra” (OLIVEIRA, 2008, p. 43).

Alguns anos depois, a falta de recursos financeiros exigiu que o capitão donatário tomasse providências imediatas e assim ele fez: Coutinho embarcou de volta para Portugal em busca de recursos e de exploradores interessados na procura de metais preciosos em terras brasileiras (MOREIRA, PERRONE, 2005, p. 16). Os sete anos de sua ausência significaram sete anos de violência contra os indígenas, que reagiram aos ataques. Expulsaram os portugueses e destruíram engenhos, queimaram fazendas e arrasaram a Vila do Espírito Santo (MOREIRA, PERRONE, 2005, p. 16; *Vila Velha (ES)*, 2009). Os poucos europeus que restaram se refugiaram na ilha de Duarte de Lemos e em capitanias vizinhas. “Na ilha, a povoação passou a ser chamada de Vila Nova, ao passo que no continente, no correr dos tempos, o núcleo primitivo se tornava conhecido como *Vila Velha*” (*Vila Velha (ES)*, 2009).

Outro aspecto bastante presente na memória popular ao mencionar o sítio histórico da Prainha é a religiosidade. Depois da chegada dos jesuítas, “certamente o mais célebre missionário foi o franciscano foi o irmão leigo Frei Pedro Palácios. Em 1558, ele se estabeleceu no Espírito Santo, trazendo consigo um painel de Nossa Senhora das Alegrias e, em 1591, fez uma ermита para abrigar o mesmo. Com a ajuda de voluntários, o Convento da Penha foi erguido.

Em 1824, foi promulgada a Constituição Política do Império do Brasil e criada as câmaras em todas as cidades e vilas. Durante aquele período, a travessia de Vitória a Vila Velha era feita de barco e, ao lado do portão de entrada do Convento, havia um antigo barracão que servia de cais, conhecido como Cais dos Padres, onde desembarcavam os membros da realeza (MELO, 2019, p. 111). Com o processo de aterramento da Prainha para a construção da Marinha – EAMES, o cais acabou desaparecendo (MORRO DO MORENO, 2011).

Anos se passaram, e a independência política do Brasil não trouxe mudanças significativas para o estado do Espírito Santo, pois permanecia demograficamente estagnado, servindo de um posto militar (BITTENCOURT, 2006 *apud* MELO, 2019, p. 48). Em torno de 1894, o engenheiro Antônio Athayde elaborou a primeira planta de Vila Velha, em 1910, a eletricidade chegou até a cidade, o que foi possível a instalação de equipamentos urbanos como o bonde elétrico, que podemos, atualmente, ver um exemplar na Casa da Memória (MELO, 2019, p. 51). “O trajeto dos bondes ia da praça da Igreja do Rosário, na rua Luciano das Neves [...], até Paul, no oeste do município, onde a travessia para Vitória era feita por lanchas.” (MELO, 2019, p. 51).

Em frente à Igreja do Rosário, foi construído o Jardim de Athayde (também chamado de Parque ou Praça Dr. Athayde), onde foi instalado um belo coreto, em abril de 1919 (MELO,

¹ A expressão “infiéis” pressupõe que a capitania sofreu com invasões de navios estrangeiros (OLIVEIRA, 2008, p. 43).

2019, p. 55). Este espaço foi pensado com o intuito de ser um ponto de atividades de lazer e contemplação da paisagem, além de significar a modernização da cidade de Vila Velha (FRANCHINI, 2016, p. 38).

O processo de construção de aterros foi um grande modificador da paisagem da Prainha. Podemos considerar que o primeiro aterro na área foi em 1916 e 1920, executado simplesmente em aumentar o raio da linha de bondes, para que pudessem chegar até o quartel (GURGEL, 2010 *apud* MELO, 2019, p. 55). Dez anos depois, foi iniciado o processo que os moradores da região chamaram de o “Grande Aterro”, referente à enseada da Prainha. O mar, que antes chegava até as margens da Avenida Antônio Ferreira de Queirós, deu espaço a uma grande área, que até 1978, tinha como finalidade a criação de um sistema de transporte aquaviário. O aterramento só foi concluído no final de 1980. Seis anos depois, encontrava-se, na área do aterro, o terminal aquaviário e um estacionamento, que não estava previsto no projeto original de 1978 (FRANCHINI, 2016). Com o passar dos anos, o transporte aquaviário deixou de existir e a extensa área de aterro se tornou o Parque da Prainha, utilizado diariamente para atividades de esporte e lazer.

Finalmente, vale mencionar a vida do artista: Homero Massena. Tendo sua casa sido transformada em Museu, localizada no sítio histórico da Prainha, o artista viveu ali entre 1951 e 1974. Formado pela Academia Brasileira de Belas Artes, foi extremamente influenciado pela estética clássica e dedicou sua vida a pintar paisagens (*Espírito Santo*, 2009). Após regressar de Paris, onde complementou sua formação, dedicou sua vida à formação de jovens estudantes. “atuando como diretor da Escola de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, quando esta ainda estava em formação” (*Espírito Santo*, 2009).

4 O PATRIMÔNIO DA PRAINHA - O OLHAR DE DENTRO

A caracterização dos entrevistados foi sintetizada no Quadro 1. Oitenta e duas pessoas responderam ao questionário, sendo que 61 pessoas foram indagadas no questionário 1 e 17 pessoas no segundo. Destaca-se que, em decorrência da pandemia, todos os procedimentos foram feitos de forma online.

Quadro 1 - caracterização dos entrevistados

INFORMAÇÕES	%	INFORMAÇÕES	%
IDADE		IDADE	
18-30 ANOS	30,50%	MENOS DE 60 ANOS	64,70%
31-40 ANOS	11,90%	61-70 ANOS	64,70%
41-50 ANOS	18,60%	71 - 80 ANOS	5,90%
51-60 ANOS	28,80%		

MAIS DE 61 ANOS	10,20%		
ONDE RESIDE		ONDE RESIDE	
VILA VELHA	72,13%	VILA VELHA	82,36%
CARIACICA	4,91%	SERRA	5,88%
GUARAPARI	1,63%	VITÓRIA	5,88%
SERRA	4,91%	FORA DO PAÍS	5,88%
VITÓRIA	11,47%		
SÃO CARLOS – SP	3,27%		
FREQUÊNCIA DE USO		FREQUÊNCIA DE USO	
PRATICAMENTE NÃO FREQUENTA	55,90%	PRATICAMENTE NÃO FREQUENTA	5,90%
FREQUENTA MUITOS DIAS E MUITAS HORAS	5,10%	FREQUENTA MUITOS DIAS E MUITAS HORAS	29,40%
FREQUENTA POUCO	39,00%	FREQUENTA POUCO	64,70%
RELAÇÃO COM O LUGAR		RELAÇÃO COM O LUGAR	
LAZER	93,44%	LAZER	88,88%
TRABALHA NA ÁREA	4,92%	TRABALHA NA ÁREA	11,11%
MORADOR	1,63%		

Fonte: Autores, 2021.

O primeiro questionário, formado por adultos com idade entre 18 e 60, respondeu a um questionário online pelo Google Forms, com perguntas estruturadas que buscavam verificar as memórias, os sentimentos e as emoções vinculadas ao sítio histórico da Prainha e seu patrimônio. O segundo questionário, foi formado por pessoas acima de 60, pois buscou-se pessoas que possuíssem lembranças mais antigas advindas de experiências anteriores. O objetivo era verificar se tanto o público mais velho quanto o mais jovem possuíam lembranças da Prainha e sabiam reconhecer e identificar o patrimônio local.

Eldeman e Tononi (2009, p.52) na obra *The Brain Landscape – the Coexistence of Neuroscience and Architecture*, discorrem sobre a existência de um mecanismo da mente humana chamado *sistema de valores*. Tal mecanismo consiste em um sistema estabelecido pelo

nosso cérebro durante eventos passados em que ele considera como sendo importante de voltar a nossa atenção (EBERHARD, 2009, p. 52). E tal fato é visível ao analisarmos os resultados dos questionários obtidos da pesquisa de campo.

Figura 2 - patrimônio lembrado da Prainha



FORNE DAS IMAGENS: (5, 6) - Esdras Eduardo Almonfrey; (1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10) - Victória Christina Simões Pinheiro

Fonte: Autores, 2021.

A maioria dos entrevistados reconheceu como patrimônio da Prainha a Igreja do Rosário, o Convento da Penha e a Festa da Penha. O Museu Homero Massena, a Casa da Memória, o Forte São Francisco Xavier e a Gruta do Frei Pedro Palácios foram mencionados por um grupo menor. Podemos perceber que o público que respondeu o questionário específico se lembrou com maior veemência dos pontos históricos ligados ao patrimônio edificado e as ruas do espaço. Sua valorização foi ligada à própria matéria do sítio histórico, pois esta foi cenário de suas lembranças mais remotas. Por outro lado, o público geral se conectou a Prainha enquanto ponto de lazer, pois é a função que a maioria deste grupo atribui ao lugar atualmente. Sendo assim, o próprio litoral e os pescadores foram considerados importantes para a história do local.

Tanto no relatório do público geral quanto no específico, podemos ver que o povo reconhece como parte da história da cidade muito mais do que apenas os três elementos que foram identificados pelo Estado como patrimônio - Convento da Penha, Igreja do Rosário e o Museu Homero Massena. Em ambos, os voluntários reconhecem que a “Casa Amarela”, uma construção antiga e icônica do espaço; e a Casa da Memória, um museu que abriga documentos e arquivos da história municipal; como importantes para a história da nossa cidade. Ambas as construções não se encontram no catálogo do Iphan, mesmo que a Casa da Memória seja tombada pelo Conselho Estadual de Cultura (*Prefeitura de Vila Velha, 2013*).

7 CONCLUSÃO

“São tão poucas as coisas nessa existência com que podemos contar para termos a sensação de permanência [...]”, uma vez disse Crouch (2019, p. 807). Porventura, há quem pense que os patrimônios históricos apenas estagnam o processo de crescimento das cidades. Outros acreditam que eles são importantes pois retêm a história para si e a cidade ao redor pode

explodir em tecnologia, afinal eles estão ali para contar sobre o passado. Através dessa pesquisa, é notório um outro lado desse pensamento.

“Patrimônio”, com sua origem na palavra latina *patrimonium*, significa “herança” (G1, 2012). E a herança de memórias das narrativas coletadas na pesquisa não vieram das construções. Elas foram passadas, construídas através de suas relações com as pessoas. O *patrimônio*, as *heranças*, residem nas pessoas, em suas memórias declarativas. Podemos comprovar com o fato de os voluntários citarem diversos outros elementos da Prainha, além daqueles que estão presentes no catálogo do IPHAN. A população os reconhece como patrimônio histórico, pois fazem parte das suas lembranças. Lent (2008, p. 242) afirma que somos o resultado das nossas lembranças. E, através das narrativas contadas, podemos ver que o sítio histórico da Prainha se configura como um “fio condutor” das lembranças que transitam entre gerações. Quase como um cenário, o sítio atua como um meio que os usuários possuem de conectar-se com seus antepassados e de passar suas histórias adiante.

A pesquisa mostrou que a Prainha não é reconhecida como um sítio histórico e a maioria das suas construções, o conjunto da arquitetura residencial, não é reconhecida. Acredita-se que a falta de homogeneidade das construções influencie nessa percepção. Fica evidente que a religiosidade é uma característica marcante da Prainha. A maioria dos entrevistados reconheceu as construções religiosas (igreja do Rosário e o Convento da Penha) e a Festa da Penha como o patrimônio mais relevante da Prainha

É de suma importância que o patrimônio presente no sítio histórico na Prainha, além de ser preservado pelo poder público, seja valorizado pela própria população. Afinal, através de espaços como este ela consegue manter suas tradições vivas e suas memórias transitando por gerações.

“O tempo não passa de memórias sendo escritas”, uma vez disse Vladimir Nabokov (CROUCH, 2019, p. 62 – livro I). É impressionante perceber que a história de um espaço não reside aprisionado das paredes de construções antigas, mas nas lembranças do povo que as contempla, que as vivenciam e as atribuem significado. Blake Crouch, em *Recursão*, afirma: “o que temos de mais precioso que as lembranças? [...] Elas nos definem, formam nossa identidade.” (CROUCH, 2019, p. 483 – livro I).

8 REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. *Cartas*. Organização Italo Moncont. — Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- BITTENCOURT, Maria Augusta Deprá; Melissa Ramos da Silva, OLIVEIRA; PINHEIRO, Victória Christina Simões. Configurações arquiteturais evocativas: neurociência, espaço, memória e emoções. **Cidades e Representações**: Coleção Arquitetura e Cidade Vol. 2. Editora Capital, 2020. P. 101 – P.123.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Santa Catarina, Vol. 2. nº 1 (3), p. 68-80, janeiro-julho/2005.
- CALABREZ, Pedro. **O que são emoções e sentimentos?** Youtube, 14 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SUAQeBKiQk0&t=665s>>. Acesso em 21 ago. 2021.
- CROUCH, Blake. **Recursão**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.
- DAMÁSIO, António. **O cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

EBERHARD, John Paul. **Brain Landscape: The Coexistence of Neuroscience and Architecture**. Nova York: Oxford University Press, Inc., 2009.

ENTENDA O QUE SIGNIFICA A PALAVRA PATRIMÔNIO. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/07/entenda-o-que-significa-palavra-patrimonio.html>>. Acesso em: 28 ago. 2021.

Espírito Santo (Estado). **Arquitetura**: Patrimônio Cultural do Espírito Santo. Secretaria de Estado da Cultura. Conselho Estadual de Cultura. – Vitória: SECULT, 2009.

Etnografía para proyectos arquitectónicos: inclusión de la perspectiva del habitante, Revista *Arquitetura*, v.16, n.2, jul/dez, 2020.

FRANCHINI, Filipe Barreto. **A produção do espaço livre público do Parque da Prainha em Vila Velha – Espírito Santo**: disputa territorial em projetos urbanos / Filipe Barreto Franchini. - 2016

FRÍAS, Laura Gallardo; JOFRÉ, Maria Isabel Toledo.

IBGE. **Catálogo – biblioteca do IBGE**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=440642>>. Acesso em 23 mar. 2021.

LENT, Roberto. **Neurociência da Mente e do Comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>.

MELO, Cláudia Inez Resende. **Permanências, apagamentos e transformações na Prainha, Vila Velha - ES** / Cláudia Inez Resende Melo. - 2019.

MOREIRA, Thais Helena Leite; PERRONE, Adriano. **História e Geografia do Espírito Santo**. 6ª ed. Vitória: UFES, 2005.

MORRO DO MORENO. **Cais dos Padres**. 2011. Disponível em: <<http://www.morrodomoreno.com.br/materias/cais-dos-padres.html>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. 3ª ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

PALÁCIOS, Frei Pedro. **Franciscanos**. Disponível em: <<https://franciscanos.org.br/quemsomos/personagens/frei-pedro-palacios/#gsc.tab=0>>. Acesso em 02 abr. 2021

Prefeitura de Vila Velha. **Casa da Memória**. 2013. Disponível em: <<https://www.vilavelha.es.gov.br/paginas/cultura-esporte-e-lazer-casa-da-memoria>>. Acesso em 21 ago. de 2021

Prefeitura Municipal de Vila Velha. **Projeto de lei nº044/2015**. Vila Velha, 2015.

Redação com jesuítas. **Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus**. Disponível em: <<http://arquisp.org.br/santo-inacio-de-loyola-fundador-da-companhia-de-jesus>>. Acesso em 02 abr. 2021.

Vila Velha (ES). *Prefeitura*. IBGE. **Histórico de Vila Velha**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/vilavelha/historico>>. Acesso em 23 mar. 2021.

VILELA, Rosana Brandão; RIBEIRO, Adenize; BATISTA, Nildo Alves. **Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo**: uma aplicação aos desafios do ensino no mestrado profissional. *Millenium*, 2(11), 29-36.